

RELAÇÕES ENTRE PARES E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES PARAENSES*IDENTIFYING RISK AND PROTECTION IN THE CONTEXT OF SCHOOL YOUTH
PARAENSES*

Gisely Josiara Ferreira MOURA¹
Lucia Isabel da Conceição SILVA²
Tatiene Germano Reis NUNES³
Rosely Cardoso MAIA⁴

RESUMO: Este estudo investigou as percepções de jovens sobre o apoio na escola e sobre as relações entre seus pares, bem como as situações de violência, caracterizando os principais autores e tipos de violência. Participaram 658 jovens de 13 a 24 anos, de ambos os sexos, que cursavam entre a 7ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio de 10 escolas públicas de Belém. Os resultados indicaram que as percepções sobre as relações com a escola se dão de forma positiva, em contrapartida a variável confio nos colegas da escola aparece com a média mais baixa. Quanto à exposição à violência na comunidade, os dados demonstraram que os colegas de escola se destacam em três das cinco variáveis acerca dos tipos de violência, a saber: ameaça ou humilhação, soco ou surra e mexeu no meu corpo contra a vontade, respectivamente. Espera-se que os resultados possam ajudar a compreender a exposição à violência comunitária e contribuam na reflexão e reconstrução da prática escolar, com políticas específicas para este contexto, que é um importante microsistema de desenvolvimento de adolescentes e jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Violência. Escola.

ABSTRACT: This study investigated young people's perceptions of support at school and peer relationships as well as situations of violence, characterizing the main perpetrators and types of violence. Participants included 658 youths between the ages of 13 and 24, both boys and girls, between the 7th grade and the 3rd year of high school in 10 public schools in Belém. The results indicated that the perceptions about school relations were positive, in contrast, the variable I trust in my schoolmates appears with the lowest average. As for exposure to community violence, data showed that schoolmates excelled in three of the five variables on types of violence: threat or humiliation, punching or punching, and moved my body against my will, respectively. It is hoped that the results can help to understand the exposure to community violence and contribute to the reflection and reconstruction of school practice, with specific policies in this context, which is an important micro-system for the development of adolescents and young people.

KEYWORDS: Youth. Violence. School.

¹ Pedagoga, Universidade Federal do Pará. Endereço eletrônico: giselyjfmoura@yahoo.com.br

² Doutora em Teoria e Pesquisa do comportamento. Docente da Universidade Federal do Pará. Endereço eletrônico: luciaisabel@ufpa.br

³ Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Endereço eletrônico: tatienegermano@gmail.com

⁴ Mestre em Educação. Universidade Federal do Pará. Endereço eletrônico: ly-maia@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Adolescentes e jovens representam uma parcela significativa da população, correspondendo a um contingente de aproximadamente 50.265 milhões de pessoas com idades entre 15 e 29 anos no Brasil (IBGE, 2010), sendo este um segmento populacional com crescente visibilidade no cenário acadêmico e político. Sabe-se que grande parte desta visibilidade tem estado, nas últimas décadas, relacionada ao envolvimento destes sujeitos em situação de violência, mas também à aprovação de marcos legais garantidores de direito, como é o caso da Lei 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) e da Lei 12.852, Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), bem como à forte atuação dos movimentos de direitos humanos destes segmentos populacionais.

Diante do alcance do fenômeno da violência, que hoje constitui-se um problema de saúde pública, propõe-se neste artigo, discutir a exposição à violência em um dos mais importantes contextos de sociabilidade de adolescentes e jovens: a escola. Pensa-se que esta compreensão pode contribuir tanto para entender as relações que se estabelecem no contexto escolar, quanto para entender a dinâmica entre risco e proteção à violência na trajetória de vida dos adolescentes e jovens.

Para começar, é fundamental destacar a opção do trabalho por utilizar os termos adolescentes e jovens de forma associada. Isto se dá pela utilização do referencial etário aqui adotado baseado nas normativas nacionais (BRASIL, 1990; 2013), entendendo que, a despeito da diversidade de concepções que cercam o debate, estas faixas se sobrepõem, embora o debate acadêmico-científico enfatize algumas diferenças nas abordagens. Assim, na adolescência, são enfatizadas as transformações físicas, biológicas, intelectuais e cognitivas, de identidade e de personalidade, bem como as definições socioculturais, morais e de valores, concluindo que esta fase possui uma multiplicidade de características, fatores e elementos que a identificam; enquanto que o conceito de juventude ultrapassa a adolescência (ABRAMO; LÉON, 2005) estando mais adequado para discutir as realidades socioculturais dos sujeitos, como construção histórica e relacional.

Nesta realidade, as pesquisas sobre juventude têm mostrado a importância do contexto para o desenvolvimento destes jovens, tendo em vista que os fatores de risco envolvem a realidade social e são permeadas por inúmeras adversidades. Desse modo, os fatores de risco refletem as ações que interferem no processo de desenvolvimento saudável do indivíduo, vale destacar que estes podem ser superados, pois não acontecem de maneiras isoladas, mas integradas as experiências decorridas das relações dos jovens (BRONFENBRENNER, 1996; 2011; MARTINS; SZYMANSKI, 2004; MORAIS; YUNES, MIRANDA; CUELLO, 2004).

Assim, o conceito de risco deve ser considerado como flexível e dinâmico, conforme a concepção de Martineau (1999) e Yunes e Szymanski (2001), pois o que pode ser considerado como fator de risco para uma pessoa, como os aspectos tidos como negativos para alguns sujeitos - por meio de situações de divórcios dos pais, casos de violência comunitária, abusos sexuais, dentre outros, pode não ser considerado para outra pessoa, podendo, inclusive, configurar-se como fator de proteção (RUTTER, 1993).

Os fatores de proteção se constituem como elementos que podem eliminar ou amenizar os riscos, podendo promover a construção de estratégias de enfrentamento, portanto, surgem com o objetivo de serem percebidos como positivos, adequando-os àquele momento, interagindo e se correlacionando com os demais fatores, alterando o resultado, o percurso e a experiência que promoverão estratégias de enfrentamento. Dessa forma, risco e proteção são possibilidades interacionais, por isso, sua identificação exige análise cuidadosa e contextualizada para que possa possibilitar a compreensão da realidade destes jovens (YUNES, 2001).

Portanto, definir risco ou proteção consiste em olhar as interações e suas interdependências em relação aos pares e ao ambiente, ou seja, deve-se propor uma análise contextualizada. Tal concepção dinâmica de desenvolvimento encontra seus alicerces na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner que oferece uma perspectiva contextualizada e sistêmica para compreender risco e proteção. Seu modelo PPCT (Processo, Pessoa, Contexto, Tempo) permite uma análise tanto nos aspectos da pessoa em desenvolvimento quanto no contexto, no tempo e nas interações que estão entrelaçados no contexto imediato, denominado microsistema e nos demais contextos (meso-, exo- e macrosistema) que estão estruturados de forma interseccional influenciando-se mutuamente (BRONFENBRENNER, 1996; 2011; YUNES, 2001).

Nesta perspectiva, dados de uma pesquisa nacional sobre a Juventude Brasileira (LIBÓRIO; KOLLER, 2009) intitulada Adolescência e Juventude Brasileira: Risco e proteção na realidade brasileira, mostraram que os fatores de risco e proteção estão presentes na vida de adolescentes e jovens brasileiros nas mais variadas dimensões. Em estudo de Libório, Coêlho e Castro (2011, p. 110), 7482 adolescentes pesquisados demonstraram haver “qualidade nas relações interpessoais” de jovens dentro de uma instituição escolar, evidenciando assim, aspectos que permitem distinguir quais os fatores de risco e proteção dentro deste contexto.

Já a pesquisa Juventude e Resistência: significados e alternativas de participação de jovens em processos organizativos, desenvolvida por Silva (2011), que teve como foco jovens moradores do bairro do Guamá, do município de Belém do Pará, na qual foram entrevistados 762 jovens, na faixa etária de 14 a 29 anos, mostrou que 72% dos jovens, alegaram não possuir boas condições de vida e que o principal aspec-

to para essas péssimas condições, “é a falta de segurança, seguido pela má qualidade da educação com 72% e pela precariedade da saúde com 68%” (SILVA, 2011, p.35). Dentre os problemas apontados apareceram ainda “alimentação, saúde e moradia com percentuais em torno de 20%”, como sem muita importância para estes jovens, o que de fato pode ser a realidade, “ou porque a gravidade da situação de segurança, educação e saúde suplante a percepção dos demais” (p.35).

Outra pesquisa também realizada em Belém do Pará (SOUZA; SILVA, 2017) identificou fortes interações entre fatores de risco e de proteção relacionadas, sobretudo, às relações familiares. Ao mesmo tempo em que as famílias dos jovens vivenciaram experiências de risco (desemprego; queda no nível socioeconômico; conflitos familiares; perdas de pessoas significativas, violência), elas construíram estratégias de enfrentamento relevantes. Diante do risco, a família teve efeito protetivo importante para os jovens, o que ficou evidente através das práticas de diálogo e de vigilância, do suporte material e afetivo e da construção de metas e expectativas de futuro.

Diante destas pesquisas, percebe-se que a vulnerabilidade está diretamente ligada aos fatores de risco presentes nos contextos, tendo a escola como um contexto de grande exposição. Isto nos leva a refletir sobre um tipo específico de violência, que a cada dia vem ganhando mais notoriedade no cenário contemporâneo brasileiro, em especial, dentro dos ambientes escolares. Estudos apontam que as relações entre pares podem se configurar como fator de risco, com manifestações de violência no contexto escolar, contribuindo para o surgimento de casos específicos de violência – o chamado Bullying e os processos de vitimização relacionados (ABRAMO; LÉON, 2005; BRITO, 1996; BRONFENBRENNER, 1996/2011; LEÓN, 2005; MARTINS; SZYMANSKI, 2004; MORAIS; KOLLER, 2004; YUNES; MIRANDA; CUELLO, 2004).

AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE E VIOLÊNCIA

Segundo Abramovay (2002) e Debarbieux (2002), compreender o significado de violência requer, primeiramente, entendê-la como um fenômeno de diversificadas faces e dimensões, uma vez que “o que é violência para um pode não ser para o outro” (ABRAMOVAY, 2006, p.63) embora seja possível pensar ou identificar padrões gerais daquilo que pode ser considerado violência na ótica dos Direitos Humanos. Ademais, deve ser compreendida como um fenômeno amplo, visto que ocorre a partir das relações com outros sujeitos e suas diversas interações, bem como dentro do contexto social que estas acontecem (ABRAMOVAY, 2006).

Neste sentido, a violência é muito mais que uma agressão física, é uma violação dos Direitos Humanos, entendida como uma intervenção do indivíduo ou de um grupo contra a integridade de outro indivíduo, de grupos ou sobre si mesmo, poden-

do ser uma agressão sexual, simbólica ou institucional (ABRAMOVAY, 2006). Segundo Bourdieu (2002), a agressão se dá por meio das relações de poder, que podem ocorrer por meio de palavras ou atitudes grosseiras ou incivildades, humilhações e a falta de respeito com o outro. Autores afirmam ainda que a violência é um fator presente desde os momentos iniciais nos processos de socialização dos indivíduos (BOURDIEU, 2002; DURKHEIM, 1977).

As múltiplas expressões de violência adentram o mundo dos jovens a partir das adversidades que estão presentes nos diversos contextos nos quais estão inseridos e podem assumir inúmeras manifestações como agressões físicas, xingamentos, agressões verbais, dentre outras. Estudo de Waiselfisz (2012) sobre a violência entrevistou 4.025 jovens maiores de 16 anos e apontou que 4,2% já tinham sofrido algum tipo de violência (Agressão física) e 0,6% por lesão corporal com arma de fogo.

Dentre as principais formas de violência que adolescentes e jovens estão expostos são: a violência intrafamiliar que consiste no ato que acontece dentro do contexto doméstico praticado por pais, parente ou responsável; a violência social; a negligência; a violência nas ruas/comunidade e por fim, a violência dentro do espaço escolar (RISTUM, 2001). Esta, especificamente, de acordo com Poletto e Koller (2008), pode se configurar em fator de risco ao desenvolvimento da juventude.

Estudo de Fante (2005) aponta a importância de um olhar sobre as relações entre pares, pois se constituem em atos que podem vir a culminar em manifestações de violência, dentro ou fora do contexto escolar, ou seja, “todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (p. 157). E neste sentido, destacamos *Bullying*, que de maneira mais simplificada é conceituado como “um tipo específico de agressão que ocorre entre os pares” (CANTINI, 2004).

O *Bullying* originou-se da língua inglesa que significa atos de violência física ou psicológica, praticados por uma pessoa (bully ou “valentão”) ou grupo de pessoas que tem como objetivo agredir o outro (ou um grupo), onde a vítima é incapaz de se defender (BERGER, 2007). Existem três características fundamentais que definem o *Bullying*: (1) a repetição dos atos violentos, (2) o prejuízo e (3) a desigualdade de poder (BERGER, 2007). Nas relações entre pares atos de violência são cada vez mais constantes, podendo levar as vítimas a ficarem com seu estado físico e psicológico abalado, uma vez que nestas formas de relacionamento existe aquele que manda e aquele que se intimida com tais ações, estabelecendo assim, relações de poder e hierarquia.

O *bullying* pode ser classificado, também, quanto a sua forma de comportamento, podendo ser direto ou indireto (BERGER, 2007). O *bullying* direto é aquele considerado mais violento, apresentando agressões físicas, ameaças, roubos, dentre outros, e é cometido, geralmente, por homens (OLWEUS, 1993). O *bullying* indireto

é aquele do tipo verbal, o que não se configura como menos traumático, sendo mais praticado pelo sexo feminino e as vítimas sofrem com o isolamento social decorrente das humilhações feitas à vítima, críticas de comportamento, comentários racistas e homofóbicos, dentre outras (ROLIM, 2008).

Abramovay (2006) afirma que o *bullying* aparece de maneira silenciosa, considerada, por alguns jovens, como uma forma natural de intimidar alguém. Considera-se tal prática como um tipo de violência que prejudica o desenvolvimento normal do jovem. Nesta perspectiva, o estudo de Poletto e Koller (2008) apontou o espaço escolar como um local mais propício para estas manifestações, dada a frequência da relação entre pares.

Estes atos são repetidos, frequentes e intencionais e não apresentam motivo evidente para serem praticados (OLIVEIRA et al., 2013). Desse modo, indivíduos ou grupo de pessoas podem chegar a sofrer atos de violência sem motivo aparente para o agressor que comete tal ação, simplesmente viram vítimas gratuitamente de agressores espalhados por nossa sociedade (CRICK; DODGE, 2000; DODGE, 1991). Esse desequilíbrio nas relações entre agressores e vítimas pode ocorrer por diferenças na aparência física, religião, sexualidade, etnia, dentre outros fatores (NETO, 2005; SALMIVALLI et al., 1998).

O estudo de Lisboa e Koller (2009) mostrou que crianças que se encontram num processo de vulnerabilidade social, unem-se a outros colegas e acabam por apoiar esses atos negativos contra seus pares, como estratégia de não correr o risco de se tornarem as próximas vítimas destes agressores. Dulmuset al. (2004) apontam que 82% dos jovens são vítimas nos Estados Unidos, evidenciando que mesmo em países considerados bem desenvolvidos economicamente, o número de vítimas de *bullying* ou *vitimização* são bem elevados, já que a busca pelo poder e pelo status são as principais causas para manifestações deste tipo de fenômeno.

Os principais protagonistas destes comportamentos são adolescentes e jovens que tendem a se mostrar bastante agressivos nesta faixa etária, principalmente porque estes sujeitos convivem diariamente em ambientes escolares, o qual é considerado como principal local de ocorrência de práticas de *bullying*, como mostram alguns estudos (DEBARBIEUX et al., 2003; POLETTTO; KOLLER, 2008; WAISELFSZ, 2003).

No que tange à identificação de fatores relacionados à violência na escola, Debarbieux et al., (2003) levantam a necessidade de dois componentes importantes: o primeiro são fatores externos, como brigas de rua, desentendimento intrafamiliar, exclusão social, etc. O segundo componente concerne a aspectos internos que ocorrem no interior das escolas, dentre os quais a relação educação/aluno/comunidade, o tratamento diferenciado com alunos, manifestando assim exclusão social, o que pode culminarem casos de violência.

Nesta perspectiva, em pesquisa realizada por Farmer e Xie (2007), foi identificado que 50% dos jovens que praticam *bullying* são bem aceitos por seus colegas e até mesmo por seus educadores, apresentando uma alta popularidade. Ainda nesta direção, Olweus (1993), identificou que 40% de estudantes são vítimas de *bullying*, por outros indivíduos nos anos iniciais na sua escola e 60% de jovens que cursam o Ensino Médio informaram que suas professoras quase não intervinham no combate a essas práticas entre os estudantes, nem por meio de conversas informais ou nem por aulas que frisassem a importância desta discussão. Os resultados mostraram ainda que 65% dos estudantes da pré-escola nunca tiveram uma orientação por parte de suas professoras do que se configuram atos ou ações de vitimização dentro do cotidiano escolar.

Estudo de Andrade et al. (2012) sobre a relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros, destacou que 12,9% dos escolares apresentaram no mês anterior a prevalência de envolvimento em situações de violência física ($n = 7.661$). O resultado ainda apontou que na percepção dos adolescentes o envolvimento em situações de violência física está associado com bullying, sendo que a prevalência de bullying entre os escolares pesquisados foi de 31% ($n = 18.398$). Portanto, dentre as conclusões apontadas pelos autores: “Ser vítima de bullying eleva a probabilidade de envolvimento em situações de violência física entre adolescentes, independentemente do sexo, tabagismo, consumo de álcool/drogas e supervisão dos pais” (p.1726).

Diante disso, é imprescindível que a escola atente para esses aspectos das relações entre os alunos, investindo na formação de vínculos e na resolução mais pacífica dos conflitos existentes nestas relações. Pois, a escola pode ser considerada como fator de proteção para a juventude uma vez que são neste espaço que se concretizam as principais experiências de socialização e a busca da formação de cidadãos.

Assim, a escola assume papel de possibilitar, dentre outras coisas, a convivência dos jovens com a diversidade política, social e cultural que os cercam (DAYRELL; GOMES, 2002). Somado a isso, o espaço escolar, também é responsável a ensinar estes jovens a desenvolver a aprendizagem da escolha e da convivência com a diferença. E é através destas aprendizagens que os jovens passam a adquirir responsabilidades, ser responsável por algo e saber reconhecer seus limites de aprendizado, ou seja, é formar jovens autônomos para uma sociedade exigente (DAYRELL; GOMES, 2002).

Considerando esses dados, os estudos apresentados e as implicações sociais da violência no contexto escolar, este estudo buscou identificar as percepções dos jovens sobre o apoio na escola e sobre as relações com seus pares, bem como as situações de violência entre pares, caracterizando os principais autores e tipos de violência.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram do estudo 658 jovens, com idades entre 13 e 24 anos ($m=16,56$; $dp=2,37$), sendo 55,6% meninas, 35,0% meninos e 9,4% em branco, estudantes de 10/13 escolas da rede pública do município de Belém, onde 30,4% dos jovens estavam cursando entre a sétima e oitava série do ensino fundamental e 69,6% de jovens cursando o ensino médio. Os dados deste estudo procedem do banco de dados da pesquisa “Entre risco e Proteção: O Ser Jovem em Belém do Pará” (Silva, 2013), realizado pelo Grupo de estudos sobre Adolescência e Juventude do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (GEPJUV/ICED/UFPA).

Do total da amostra 23,5% compreendiam a faixa etária de 13 a 14 anos, 50% com idades entre 15 a 17 anos, 20,5% com 18 a 20 anos e 6,0% correspondendo idades entre 21 a 24 anos. No que concerne ao turno de estudo, 41,6% frequentavam a escola pela manhã, 56,0% estudavam à tarde e somente 2,4% à noite. Ressalta-se que 48,2% dos jovens relataram ter sido reprovados na escola pelo menos uma vez.

INSTRUMENTO

Foi utilizado um questionário para o levantamento dos fatores de risco e proteção, produzido pela pesquisa nacional Juventude Brasileira Versão II (DELL'AGLIO et al., 2011). O instrumento consta de 77 itens de múltipla escolha, com questões que investigam aspectos referentes à caracterização biossociodemográfica dos participantes e variáveis relacionadas à educação, saúde, trabalho, violência, lazer e rede de apoio. Para este estudo foram utilizadas as questões 18 (Escala de Relações com a Escola, com sete itens sobre as percepções quanto à escola, envolvendo professores, técnicos e colegas, em escala Likert), e a questão 62 (A e D). Esta última consiste em uma escala, na qual são apresentadas cinco (05) situações de violência, solicitando aos participantes que indiquem quais destas já vivenciaram no ambiente familiar ao longo da vida e quem fez com maior frequência.

PROCEDIMENTOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, sob protocolo nº 084/09. A amostra foi composta de forma aleatória, por conglomerados, através do sorteio de 10 escolas públicas do município de Belém. Também foram sorteadas as turmas participantes, em cada escola. O estudo foi realizado após a concordância das instituições sorteadas. Foi solicitada a assinatura do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos pais (para adolescentes menores de 18 anos de idade), assim como a concordância dos próprios jovens, esclarecendo que a participação era voluntária e que as informações pessoais seriam mantidas sob sigilo, respeitando assim os critérios da ética na pesquisa com seres humanos, conforme a resolução nº 406/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O instrumento foi aplicado coletivamente em sala de aula, por equipe treinada, com duração de aproximadamente uma hora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

TABELA 1. MÉDIAS QUANTO ÀS PERCEPÇÕES SOBRE A ESCOLA, POR SEXO

Itens	Meninos	Meninas	Total
Eu me sinto bem na escola	3,96 (<i>dp</i> =1,13)	4,15 (<i>dp</i> =1,19)	4,08 (<i>dp</i> =1,16)
Gosto de ir para a escola	4,10 (<i>dp</i> =1,11)	4,20 (<i>dp</i> =1,14)	4,18 (<i>dp</i> =1,11)
Confio nos colegas da escola	3,19 (<i>dp</i> =1,33)	3,02 (<i>dp</i> =1,38)	3,12 (<i>dp</i> =1,36)
Total na escala	25,78 (<i>dp</i> =5,47)	25,72 (<i>dp</i> =6,45)	25,75 (<i>dp</i> =5,98)

Fonte: Silva (2013).

Os resultados apontaram percepções positivas sobre o apoio na escola, com as maiores médias, o que pode sinalizar relações também positivas. Observa-se que as situações “sentir-se bem na escola” e “gosto de ir para a escola” apresentaram as médias mais altas. Através dos resultados, é possível inferir a configuração de algumas relações no contexto escolar que são percebidas como positivas e que influenciam nessas percepções acerca da escola.

No entanto, estes resultados apontaram uma média mais baixa na situação “confio nos colegas da escola”, devendo ser destacada, uma vez que o processo de socialização entre os jovens se dá de forma diversificada neste espaço. Essa diversidade nas relações pode influenciar esses resultados, os quais podem ser decorrentes de relações instáveis que estes mantêm, por exemplo: brigas, discussões, ameaças, humilhações, agressões físicas e verbais (DAYRELL; GOMES, 2007).

No estudo de Olweus (1993), identificou-se que os jovens são os principais autores em ocorrência de casos de *bullying* nas escolas, “já que na América Latina, os casos de violências em ambientes escolares, mais especificamente de *bullying*, são vis-

tos diariamente em manchetes de jornais e revistas e facilmente encontrados em diferentes sites de notícias, blogs e homepages” (LISBOA, BRAGA; EBERT, 2009, p.60).

SOBRE A OCORRÊNCIA DE VIOLÊNCIA

TABELA 2. MÉDIAS QUANTO À OCORRÊNCIA DE VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE

Tipo/ Ocorrência	Soco ou Surra	Ameaça ou Humilhação	Agressão com objeto	Mexeu no meu corpo contra a vontade	Relação Sexual Forçada
SIM	15,0	30,3	8,9	5,3	2,3
NÃO	85,0	69,7	91,1	94,7	97,7

Fonte: Silva (2013).

Os dados de ocorrência de violência comunitária apontaram que 61,8% dos jovens já sofreram algum tipo de violência fora de casa. Analisando as ocorrências separadamente, percebe-se a exposição diversificada dos jovens, ainda que aparentemente seja de baixa frequência para cada tipo investigado, quais sejam: “soco e surra” (15%); “ameaça ou humilhação” (30,3%); “agressão com objeto” (8,9%) “mexeu no meu corpo contra minha vontade” (5,3%) e “relação sexual forçada (2,3%)”.

SOBRE A EXPOSIÇÃO DE VIOLÊNCIA

TABELA 3: MÉDIAS QUANTO A EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE POR AUTORES.

Autor (a)	Soco ou Surra	Ameaça ou Humilhação	Agressão com objeto	Mexeu no meu corpo contra a vontade	Relação Sexual forçada
	%	%	%	%	%
Amigos	16,9	22,1	19,0	25,0	13,3
Colegas de escola	29,9	31,4	19,0	28,6	13,3
Vizinhos	7,8	4,1	16,7	14,3	33,3

Monitores/ professores	1,3	3,5	4,8	3,6	6,7
Policiais	9,1	5,8	7,1	-	-
Desconhecidos	15,6	18	11,9	7,1	13,3
Outros	18,2	14,5	21,4	21,4	13,3

Fonte: Silva (2013).

Os resultados sobre a exposição à violência na comunidade demonstram que os colegas de escola aparecem em destaque em três das cinco variáveis dos tipos de violência. Os maiores índices do total da amostra dos 658 jovens pesquisados consistem na situação “soco ou surra” com 29,9%, seguida de “ameaça e humilhação”, com 31,4%. Os amigos aparecem em segundo lugar em relação aos que mais sofreram as mesmas situações de violência, com 22,1%. A terceira variável apontou que 28,6% destes jovens, independente do sexo, alegaram que os próprios colegas de escola, assim como desconhecidos e vizinhos, mexeram no seu corpo contra sua vontade.

Considerar pouco os índices acima, é não ter a noção da dimensão desta violência e seus impactos na forma de como se sente a pessoa que sofre a violência. Sendo “soco ou surra”; “ameaça e humilhação” e “mexeu no meu corpo contra a minha vontade”, as variáveis com maior frequência de ocorrência entre os “colegas de escola”, nota-se a presença de agressores nas relações entre pares. Esses dados confirmam o estudo de Berger (2007) que considera os jovens como agressores e como vítimas de ocorrências de violência, com grandes variações de frequências e tipos de violência, em especial o *bullying*, nos mais diferentes locais ou regiões, tanto a nível mundial e nacional quanto a nível regional e local, e em escolas de um mesmo local específico.

Outro resultado de nossa pesquisa que demonstram que os jovens se encontram expostos a uma diversidade de violência no contexto escolar, apontaram como autores de violência “Monitores/professores” com destaque em todas as variáveis, mesmo em menor média, mas a violência simbólica está presente e precisa ser discutida, pois exerce poder sobre o aluno, tal resultado destaca a necessidade de discussão acerca da violência no espaço escolar, por profissionais que tenham a consciência do risco ao desenvolvimento que a violência pode causar (FALEIROS; FALEIROS, 2008).

Além da escola, os dados também apontaram a violência sofrida na comunidade por “policiais”; “desconhecidos”, “outros” e “vizinhos”, este último demonstrou a média mais alta em relação “Relação Sexual forçada” com a média de 33,3%. Tais índices apontam para necessidade de análise na cultura da violência, pois está presente desde o início da socialização dos indivíduos e está relacionada às relações de poder (BOURDIEU, 2002; DURKHEIM, 1977).

Vale destacar que os resultados apontaram diversas formas de exposição à violência praticada por colegas de escola, a saber: “soco ou surra”; “ameaça e humilhação” e “mexeu no meu corpo contra a minha vontade”, se configurando como risco ao desenvolvimento, visto que as relações entre os jovens são ao mesmo tempo de amizade e de desconfiança, pois mesmo se sentido “bem na escola” a confiança entre os colegas se apresentou com a média mais baixa. Podemos inferir levando em considerações os estudos que apontam a existência de divergências, de opiniões e de atitudes por motivos banais, que relatam as múltiplas formas de ocorrência de violência, especialmente as manifestações de *bullying* que estão relacionadas às situações de violência física entre os mesmos (OLWEUS, 1993; LISBOA, 2005; NETO, 2005). Neste sentido, os dados apontam a prevalência da violência física neste contexto, sendo também confirmado por diversos estudos (ANDRADE et al., 2012) sobre a relação entre violência física de adolescentes escolares brasileiros e o *bullying*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou a forte exposição dos adolescentes e jovens à violência no contexto escolar e da comunidade, já que mais da metade dos jovens participantes já sofreram algum tipo de violência fora de casa, com destaque para “ameaça ou humilhação” com a média mais alta (31,4%). E no que tange ao ambiente escolar, as médias mais altas estavam associadas aos “colegas de escola”. Estes dados nos levam a questionar as relações sociais que estes jovens estão vivenciando, visto que são de grande importância para o seu desenvolvimento, uma vez que estes sujeitos estão em processo de formação e, portanto, a escola deve desempenhar papel protetivo de formá-los em cidadãos reflexivos e responsáveis.

Neste sentido, a escola como espaço de formação, deve investir na reflexão das relações que se estabelecem em seu interior de forma a proporcionar o compartilhamento de laços de amizade, afeto, respeito com o seu próximo, espírito de coletividade no trabalho e na vida, dentre outros valores. Além disso, a busca pelo conhecimento deve proporcionar também, informações e esclarecimentos sobre situações de risco para o desenvolvimento, tendo em vista que são muitas as mudanças que o contexto social destes jovens vem sofrendo.

Portanto, estudo evidenciou que a violência está presente na vida escolar destes jovens de diferentes formas, tornando a escola e os estudantes vulneráveis a esses acontecimentos. Este estudo traz importantes contribuições tanto no que se refere ao contexto juvenil, educacional e suas interações, quanto ao contexto social, que envolve a diversidade de jovens e promove a reflexão acerca dos tipos de violência entre pares sobre os fatores de risco ao desenvolvimento desses sujeitos. Recomenda-se um olhar mais cuidadoso sobre as relações entre pares, investigando qualitativamente

estas relações, visto que, tendem a tornar-se um fator de risco ao desenvolvimento destes sujeitos.

Espera-se que compreender as situações e a exposição, possa contribuir na reflexão e reconstrução da prática política da escola, como importante microsistema de desenvolvimento de adolescentes e jovens. Desse modo, este estudo é relevante uma vez que a compreensão da realidade que envolve a violência no espaço escolar é conhecida a partir da percepção dos próprios jovens, que vivenciaram esta exposição.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. *Cotidiano das escolas: entre violência*. Brasília: UNESCO, 2006.
- ABRAMOVAY, M. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- ANDRADE, S. S. C. Araújo et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p.1725-1736, set. 2012.
- BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, [s.l.], v. 27, n. 1, p.90-126, mar. 2007.
- BOURDIEU, P. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. In: BOURDIEU, P. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Editora Zouk, 2002. p. 17-111.
- BRASIL. *Lei nº 8.069*, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 13 mar. 2018.
- BRASIL. *Lei nº 12.852*, de 5 de agosto de 2013, que dispõe sobre o Estatuto da Juventude. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 13 mar. 2018.
- BRITO, M. R. F. O ensino e a formação de conceitos na sala de aula. In: MIRA, M. H. N.; BRITO, M. R. F. (Org.) *Psicologia na Educação: articulação entre pesquisa, formação e prática pedagógica. Coletâneas ANPEPP*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 73-93, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CANTINI, N. *Problematizando o bullying para a realidade brasileira*. 2004. 206 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2004.
- CRICK, N. R.; DODGE, K. A. Social-information-processing mechanisms in reactive and proactive aggression. *Psychology of education*. In: SMITH, P.K.; PELLEGRINI, A.D. (Org.). *Major Themes. Routledge Falmer, London*, 2000. p. 469-484.

- DAYRELL, J.; GOMES, N. L. A juventude, práticas culturais e identidade negra no Brasil. *Palmares em ação*, Brasília, n. 22, p. 18-23, 2002.
- DEBARBIEUX, E. et al. *Desafios e alternativas: violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2003.
- DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.
- DELL'AGLIO, D. D. et al. Revisando o Questionário da Juventude Brasileira: Uma nova Proposta. In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Org.) *Adolescência e Juventude: Vulnerabilidade e Contextos de Proteção*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 259-270.
- DODGE, K. A. The structure and function of reactive and proactive aggression. In: PEPLER, D. J.; RUBIN, K. H. (Org.). *The development and treatment of childhood aggression*. New York: Lawrence Erlbaum, 1991. p. 201-218.
- DULMUS, C. N. et al. Student Reports of Peer Bullying Victimization in a Rural School. *Stress, Trauma, And Crisis*, Reino Unido, v. 7, n. 1, p.1-16, jan. 2004.
- DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos; Fename/MEC, 1978.
- FALEIROS, V. P.; FALEIROS, E. S. *Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.
- FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus, 2005.
- FARMER, T. W.; XIE, H. Aggression and school social dynamics: The good, the bad, and the ordinary. *Journal Of School Psychology*, [s.l.], v. 45, n. 5, p.461-478, out. 2007.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PAS - Pesquisa Anual de Serviços*, 2010. [online]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 10-18.
- LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 10-18.
- LIBÓRIO, R. M. C.; COÊLHO, A. E. L.; CASTRO, B. M. Escola: risco ou proteção para adolescentes e jovens? In: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Org.). *Adolescência e Juventude: vulnerabilidade e contexto de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 109-137.
- LIBÓRIO, R. M. C.; KOLLER, S. H. (Org.). *Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- LISBOA, C. S. M. *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção*. 2005. 146 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- LISBOA, C. S. M.; BRAGA, L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 59-71, jan./jun. 2009.

LISBOA, C. S. M.; KOLLER, S. H. Interações na escola e processos de aprendizagem: Fatores de risco e proteção. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). *Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola*. Petrópolis, Vozes, p. 201-224, 2004.

MARTINEAU, S. *Rewriting resilience: a critical discourse analysis of childhood resilience and the politics of teaching resilience to “kids at risk”*. 1999. 265f. Thesis (Doctorate Degree of Philosophy), The University of British Columbia, Vancouver.1999.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de UrieBronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p.63-77, jun. 2004.

MORAIS, N. A.; KOLLER, H. S. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: a ênfase na saúde. In: KOLLER, H. S. (Org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 91-107.

OLIVEIRA, J. et al. Bullying nas aulas de educação física: análise de casos sob a ótica docente. *Revista Científica da FHO/UNIARARAS*, Araras (São Paulo), v. 1, n. 1, p. 77-85. 2013.

OLWEUS, D. *Bullying at school: What we know and what we can do*. London: Lackwell, 1993.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2003. *Pesquisa Básica e Suplementar*. Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

POLETTTO, L. KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 3, p.405-416, set. 2008.

RISTUM, M. *O conceito de violência de professoras do ensino fundamental*. 2001. 410 f. Tese (Doutorado em educação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

ROLIM, M. *Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. 2008. 174 f. Dissertação(Mestrado em Sociologia), Instituto de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RUTTER, M. Resilience: Some conceptual considerations. *Journal Of Adolescent Health*, New York, v. 14, n. 8, p.626-631, dez. 1993.

SALMIVALLI, Christina et al. Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *AggressiveBehaviour*, Paris, v. 22, n. 1, p.1-15, 1996.

SILVA, L. Juventude e resistência: significados e alternativas de participação de jovens em processos organizativos. *Relatório final de pesquisa não publicado*. Belém: ICED/FAED, 2011.

SILVA, L. Entre risco e proteção: O ser jovem em Belém do Pará. *Relatório final de pesquisano publicado*. Belém: ICED/FAED, 2013.

SOUZA, M. S.; SILVA, L. I. C. Juventude, risco e proteção: identificando percepções sobre a família, exposição às drogas e eventos estressores em estudantes residentes na cidade de Belém. *Relatório final de pesquisa não publicado*. UFPA/ICED. 2015.

WASELFSZ, J. J. *Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco*. Brasília: UNESCO, 2003.

YUNES, M. A. A.; MIRANDA, A. T.; CUELLO, S. E. S. Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades. In: KOLLER, H. S. (Org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 197-218.

YUNES, M. A. M. *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. 2001. Tese de doutorado, Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES J. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.

Recebido em: 30/08/2016.
Aprovado em: 27/03/2018.